

> PANORAMA

Nicole Belmonte

Alguns princípios antropológicos do problema da gêmealidade*

Os materiais antropológicos relativos à gêmealidade são consideráveis: escolhemos então privilegiar aqueles provenientes da África negra, na medida em que eles se apresentem sob forma verdadeiramente paradigmática. A primeira parte tenta mostrar o jogo entre o mesmo e o outro no qual são pegos os gêmeos, alternativamente ou simultaneamente. A segunda parte explora a noção de gêmeo que se estende além de sua estrita definição (assim os "quase gêmeos", os "gêmeos defeituosos", os "gêmeos solitários" etc). Enfim, a terceira parte se fixa a um destes "falsos" gêmeos – a placenta – e introduz alguns mitos ameríndios onde a gente vê a placenta se metamorfosear, depois de uma gestação "natural", em seu gêmeo. Devemos concluir que todo nascimento é gemelar, mas o gêmeo-placenta é normalmente destinado à morte.

> Palavras-chave: Gêmealidade, "falsos" gêmeos, duplos, placenta

A great deal of anthropological material on gemellity is availability. We therefore decided to limit this article to that originating from Africa, inasmuch as it presents a true paradigmatic aspect. The first part of the study discusses the interplay (where twins are simultaneously or alternatively implicated) between the "same" and the "other." The second part explores a notion of twin that goes beyond its strict definition (for example, "quasi twins," "manqués twins", "solitary twins," etc). The last part deals with one of these "false" twins – the placenta – and introduces Amerindian myths in which the placenta is metamorphosed into its twin after "natural" gestation. From this we conclude that all birth is gemellary, but that the twin-placenta is usually doomed to die.

> *Key words: Gemellity, "false" twins, pairs, placenta*

*> Tradução de Ilcéa Sônia Maria Andrade Borba Marquez.

O tema da gêmealidade está presente num grande número de trabalhos antropológicos. Seria um empreendimento impossível querer fazer um levantamento exaustivo. Neste artigo nós avaliamos o duplo e resolvemos ir buscar os principais elementos na cultura africana, e então ressaltar alguns temas, talvez menos conhecidos.

As culturas africanas constituem, com efeito, um tipo de laboratório para o estudo antropológico da gêmealidade. Podemos certamente reencontrar crenças, práticas e rituais semelhantes ou equivalentes em outras sociedades tradicionais no resto do mundo, mas na África estes elementos se apresentam de forma freqüentemente mais explícita, mais institucionalizada, também sob uma forma, por assim dizer, paradigmática. O caráter sagrado e terrível dos gêmeos foi amplamente notado nas sociedades. Gostaríamos em primeiro lugar de sublinhar sobretudo o jogo que se estabelece entre a figura do mesmo e aquela do outro, como se fosse necessário instaurar uma distância entre dois seres muito próximos a fim de que cada um possa receber sua identidade social (a forma mais simples é de os distinguir em mais velho e mais novo) e de os tratar de forma igualitária para que sua característica idêntica de origem não se torne maléfica para eles mesmos e seus pais. Mostraremos em seguida que a noção de gêmeo não se limita somente às crianças nascidas de um mesmo parto. A extensão da definição leva ao conceito de "falso" gêmeo ou gêmeo imaginário que parece mais tranquilizadora do que a realidade perigosa dos

verdadeiros gêmeos. Esta extensão da noção de gêmeo também qualifica a placenta, nascida ao mesmo tempo que a criança de gêmeo. Na terceira parte veremos que essa representação está presente simbolicamente nas crenças africanas e, de forma imaginária, nos mitos ameríndios.

O MESMO OU OUTRO

Todas as sociedades africanas dão uma grande importância ao nascimento de gêmeos, todas possuem um conjunto elaborado de prescrições rituais e de crenças destinadas a integrar esta anomalia na conformidade social. Mas nem sempre conseguem um sucesso total. Há com efeito, nos nascimentos gemelares, uma parte irreduzível. É talvez neste sentido que é preciso compreender o que V. W. Turner chama "os paradoxos dos gêmeos"¹ (Cf. Zazzo, 1984).

O fato de dar nascimento a gêmeos constitui para os Ndembu o que chamaríamos um paradoxo, isto é, uma coisa que entra em conflito com noções preconcebidas sobre o que é razoável ou possível. (Turner, 1990, p. 49)

No fenômeno da gêmealidade, há uma superabundância de fertilidade que se acompanha de privação econômica, por ser difícil a uma mulher aleitar duas crianças. Os Ndembu criam algumas cabras e ovelhas das quais não lhes tiram leite para consumo humano. A sobrevivência dos gêmeos pode ser devida à morte de um recém-nascido de uma outra mulher que aceitará encarregar-se de um dos dois. Mas a gêmealidade deixa aparecer um paradoxo de ordem.

¹ Mais geral. Nas sociedades tradicionais, onde o parentesco determina as relações e o *status* social, os gêmeos colocam um problema teoricamente impossível de ser resolvido.

É largamente considerado, na África e outros lugares, que as crianças nascidas numa única parição são, de modo sobrenatural, idênticas, ora de acordo com as regras não escritas associadas aos sistemas de parentesco, só há para eles uma posição que eles podem ocupar na estrutura familiar ou no grupo solidário de parentesco. Há um postulado classificatório segundo o qual os seres humanos só dão nascimento a uma criança de cada vez e não há senão um buraco que eles possam ocupar nos grupos variados articulados pelo parentesco onde aquela criança penetra pelo seu nascimento (...). A gêmealidade apresenta o seguinte paradoxo: o que é fisicamente duplo é estruturalmente único e o que é de forma sobrenatural um, é empiricamente dois. (Turner, 1990, p. 50)

Um certo número de sociedades africanas encontra uma saída a este paradoxo suprimindo as duas crianças, ou às vezes um só dos dois ao nascerem. V. Turner lembra que é assim entre os Bushmess do deserto de Kalaharí, que justificam esta prática pela crença de que os gêmeos trazem infelicidade. Entre os Tallensi, se os gêmeos não são acolhidos na alegria, não são, todavia, mortos no nascimento. Mas espera-se que estes recém-nascidos, ou pelo menos um deles morra, constituindo assim a prova de que eles eram de fato não seres humanos, mas espíritos da floresta. Eles são então enterrados de "modo ignominioso", num lugar deserto. Não é senão quando eles completam quatro anos, isto é, quando a mãe põe no mundo uma outra criança – que sendo colocados sob a salvaguarda de um ancestral, eles são considerados seres sociais completos (Fortes, 1949, p. 271).

Uma outra solução consiste em fazê-los sair do sistema de parentesco, ou mesmo do sistema social ordinário. Entre os Ashanti, "se

os gêmeos são do mesmo sexo pertencem de direito ao chefe e tornam-se, se são meninas, suas esposas potenciais; se são meninos, 'baterista do ar com cauda de elefante' na corte. Eles deverão ser mostrados a ele assim que possível depois do nascimento e são levados ao palácio numa bacia de cobre. Por ocasião de circunstâncias oficiais os gêmeos são vestidos de branco, cada um da mesma maneira (Rottray, cité par Turner, 1990, p. 51).

Os Moundang, que habitam o sudeste do Tchad, consideram o nascimento de gêmeos "um mal", um acontecimento que desorganiza a ordem normal e só pode ser um sinal de Deus (Adler, 1973, p. 168). Pensa-se igualmente que esta superabundância é na realidade uma ameaça contra a fecundidade em geral e, em particular, contra a família na qual ela se produz. A ameaça diz respeito em princípio aos gêmeos mesmos, sobre os quais eles pensam não poderem sobreviver todos os dois, em seguida ao pai e a mãe, particularmente nos casos de crianças de sexo oposto. Acredita-se, de fato, que o menino constitui um perigo mortal para sua mãe e a menina para seu pai. Os Moundang "... consideram que cedo ou tarde esta ameaça se realizará, inevitavelmente (ibid., p. 176). O costume quer que os gêmeos, tendo crescido, peguem cada um uma vara de videira, parta-a em duas, dizendo de acordo com o sexo "é preciso que minha mãe (meu pai) morra". Espera-se por estes dois gestos opostos e complementares, anular as ameaças contrárias que eles anunciam e atualizam. Mas é em vão, nos dizem: ou os gêmeos crescem e um dos pais morre, ou um dos gêmeos morre e os pais vivem (ibid.). Parece, no entanto, que os gêmeos de sexo oposto

sejam, geralmente, melhor recebidos nas sociedades africanas do que os gêmeos do mesmo sexo, por se diferenciarem em menino e menina, eles não ocuparão exatamente a mesma posição no parentesco e, por consequência, na sociedade.

Estas crianças, que são ameaça aos seus pais, são impossíveis de serem classificadas pelo ponto de vista social. É que, de fato, nesta sociedade, um indivíduo tem não um irmão ou irmã, mas um irmão mais velho ou mais novo, uma irmã mais velha ou mais nova. Compreende-se o problema que os gêmeos provocam então, ainda que os diferenciem em mais velho o segundo a nascer e mais novo o primeiro a nascer. Os Moundang também declaram que eles são "como reis" e lhes dão nomes gloriosos. O rei, sendo afastado de seus irmãos por ocasião de sua entronização, é colocado fora da família e do clã. A solução encontrada ao problema de situar os gêmeos é de retirá-los, como o rei, da ordem social, de os tornarem seres à parte. Aliás, gêmeos e rei são pessoas que têm intensidades de vida tão fortes que seus corpos se consomem depressa, são sujeitos a uma deteriorização que contrasta com a sucessão regular das idades.

Os Nuer do Soudan pensam que os gêmeos são uma só pessoa e que eles são pássaros. Sua dualidade física não é negada; é sua personalidade social que é única. Na ocasião das cerimônias que marcam uma mudança, o casamento e a morte principalmente, a unidade dos gêmeos é afirmada. Assim que o mais velho dos gêmeos se casa, o mais novo realiza os mesmos rituais que ele. Os gêmeos devem casar-se no mesmo dia. Nenhuma cerimônia fúnebre é celebrada para um dos gêmeos, pois ele continua a viver em seu irmão ou sua irmã. Não há também

rituais de luto quando o outro morre por sua vez, já que eles são pessoas do céu ou do mundo do alto ou ainda "meninos de Deus". É por este prisma que eles são pássaros. Eles têm, aliás, freqüentemente nomes de pássaros.

A equivalência de gêmeos e de pássaros se exprime em particular por tudo o que concerne à morte. Quando um recém-nascido gêmeo morre, as pessoas dizem: "ele voou" (...). Os gêmeos que morrem ainda bebês, como acontece sempre, não são enterrados como os outros bebês, mas colocados numa cesta ou numa peneira de vime e depositados na forquilha de uma árvore, porque os pássaros habitam nas árvores. (Evans-Pritchard, 1956, p. 128-31)

Entre os Gourmantché de Haute-Volta são gêmeos da floresta, são simultaneamente gêmeos e gemíparos, são os responsáveis pelo nascimento de gêmeos, seja que dois dentre eles se introduzam no ventre de uma mulher durante a gestação, seja que um gêmeo morto disponha a matriz da mulher de maneira que venha engravidar-se necessariamente de crianças gêmeas. Seu nascimento é temido e "deve-se cumprir rituais para que os recém-nascidos 'se tornem cegos' àquela floresta de onde provêm. Apesar destes rituais, os gêmeos não se tornarão jamais completamente 'homens como os outros' e permanecerão sempre sensíveis aos apelos da floresta onde eles gostariam de poder voltar" (Cartry, 1975-76, p. 89-90). De acordo com a hipótese sedutora de M. Cartry, os gêmeos da floresta seriam "seres vivos ainda não nascidos, trancados em seu saco planetário e jamais emparelhados com seu gêmeo" (ibid.).

O medo que se sente ao nascimento de gêmeos pode chegar ao terror e englobar

até os pais, que, por exemplo, entre os Nyakjusa de Tanganyika, são percebidos como muito perigosos para seus próximos e para o rebanho. Um ritual complexo é celebrado, que prevê um isolamento dos pais.

O objetivo dos rituais Nyakyusa, é livrar os gêmeos e seus parentes da contaminação perigosa de sua condição. É preciso tratar os pais com medicamentos e rituais para que a partir de então eles possam produzir uma só criança a cada nascimento e que eles não provoquem em seus vizinhos doenças de origem sobrenatural. (M. Wilson, apud Turner, 1990, p. 53)

A comunidade inteira corre o risco de ser com efeito afetada pelo nascimento de gêmeos. As cerimônias celebradas para reduzir ou mesmo dirigir totalmente a ruptura das normas biológicas e sociais se articulam, segundo Turner, ao redor de escolhas conceituais concernentes a este fenômeno: que se o considere uma passagem de dois a um ou inversamente de um a dois (a dicotomia). A tal ponto se opõem que se pode ver nos dois todas as formas de pluralidade. A dualidade pode ser considerada como par de semelhantes ou par de contrários.

Na linguagem simbólica do ritual dos gêmeos, os Mdemble escolheram sublinhar o aspecto de oposição e de complementaridade (insistindo) sobre o aspecto igual, mas oposto da dualidade. Por conseguinte, neste sentido quando eles salientam o fenômeno de união dos componentes da "dyade", eles representam este fenômeno como uma coincidência entre contrários e não como um desdobramento de semelhantes. Utiliza-se o simbolismo sexual para descrever este fenômeno, mas (...) o que ele designa ultrapassa largamente as relações sexuais. (Turner, 1990, p. 54)

Reenviamos o leitor à obra de V. Turner para o detalhe da cerimônia dos gêmeos chama-

da Wubwang'u, difícil de ser resumida por causa de sua complexidade. É celebrada por uma mulher que acaba de dar à luz gêmeos ou que está supostamente esperando gêmeos: os iniciados ou médiuns que tomam parte nisto são também gêmeos ou gêmeas ou então filhos ou filhas ou ainda pai ou mãe de gêmeos. Num certo momento do ritual, piadas e canções obscenas são trocadas entre homens e mulheres, a fim de lembrar a divisão da humanidade em dois sexos. Para o Ndemble, com efeito, o cômico nasce de um paradoxo próximo ao dos gêmeos: "... quanto mais os sexos salientam suas diferenças e sua agressão mútua, mais eles desejam se unir sexualmente" (Turner, 1990, p. 80). De maneira geral, este ritual dos gêmeos nesta sociedade permite ressaltar os diversos aspectos da dualidade – em particular a dos sexos iguais e ainda que opostos – e de dirigir as forças da desordem, colocando-as ao serviço da ordem social.

Entre os Moundang, as cerimônias que precisam ser celebradas no momento do nascimento de gêmeos são dirigidas por um ancião designado para isto porque ele mesmo passou por isto (Adler, 1973). Assim que nascem, as crianças são colocadas na terra, mas não lado a lado, esperando a chegada do oficiante e sua esposa. À direita da parturiente, ele pega o primeiro nascido e corta o cordão umbilical, enquanto sua mulher, à esquerda, faz a mesma coisa para o segundo. Cada uma das placentas é depositada num vaso de cerâmica. Os dois vasos serão enterrados à noite num formigueiro. Em seguida, o acontecimento é anunciado aos parentes e ao clã de cada um dos pais. Todos vêm visitar trazendo uma oferenda. A reclusão durará três meses. Não se dará também

o detalhe destes rituais que são celebrados ao nascimento mesmo, enquanto de outros – rituais de saída e edificação do altar dos gêmeos – se realizam três meses mais tarde. Esclarecer-se-á somente que A. Adler nota seu "caráter negativo de separação, como se seu objetivo fosse isolar as crianças de sua essência gemelar, benéfica em si, mas mortal para aqueles que a vivem" (Adler, 1973, p. 173). Ao contrário, os mesmos rituais têm por efeito reaproximar o pai e a mãe, como se sua aliança passasse a um plano superior, "... não mais uma simples união mas uma solda, como se a ligação de gêmeos que acabavam de fazer em seus filhos tenha ido atar-se sobre eles" (ibid.). Somente se os rituais forem convenientemente celebrados é que os gêmeos podem tornar-se uma bênção para a comunidade. Entre os Drakhanké do Soudan os gêmeos do mesmo sexo são considerados portadores de perigo (Smith, 1965, p. 300). Se não se preocupa de tratá-los sempre igualmente, um deles pode morrer ou provocar a morte de sua mãe, se se trata de menino, de seu pai, se são meninas.

Toma-se sempre o cuidado de vesti-los de maneira igual e quando sua mãe os leva a mendigar de casa em casa, porque segundo os Drakhanké, dar aos gêmeos é atrair a bênção de Deus sobre si, cada um deve lhes dar duas coisas idênticas. (Ibid.)

Por outro lado, o nascimento de gêmeos de sexo oposto é considerado uma bênção. De maneira geral diz P. Smith, os gêmeos constituem um modelo natural do casal no pensamento sudanês: sem dúvida no pensamento africano em geral. É certo que o modelo funciona melhor no caso de gêmeos mistos, já que a diferença se introduz ao mais profundo da identidade e que os gêmeos do mesmo sexo provocam medo.

Todo o problema (...) é não somente de escapar à relação de duplo puro, mas de introduzir uma diferença que permita à relação de se manter e de funcionar. Esta diferença sutil corre o risco logo de desaparecer; é preciso, portanto, ampliar a diferença e levar em conta a ausência da noção de irmão ou de irmã no sistema de parentesco, em benefício das únicas noções de mais velho e mais novo é significativa se se a confronta ao status sobrenatural dos gêmeos. (Ibid., p. 300-1)

Pode parecer paradoxal nesta hipótese que os gêmeos do mesmo sexo devam então ser tratados exatamente da mesma maneira. Encontra-se esta prescrição entre uma população distante dos Drakhanké, os Tshokwe de Angola. "Os gêmeos são bem aceitos, mas todo um conjunto de rituais devem ser executados com todo rigor: uma igualdade perfeita é colocada na maneira de tratar os gêmeos (...). O pai dos gêmeos deve conseguir duas metades de uma certa fruta seca que enfiará num cordão para pendurá-la na cintura da mãe ou para passar-lhe ao redor do pescoço como uma jóia". Este gesto do marido significa que ele exige de sua mulher que trate sempre os gêmeos de maneira igual respeitando as normas rituais. Entre os Tallensi, os gêmeos devem ser tratados da mesma maneira por seus pais. Se se dá a um uma porção de alimento se dará a mesma ao outro. Se são irmãos deverão viver juntos durante toda sua vida. Duas gêmeas se casarão na mesma vila ou em vilas próximas.

Porque é como se eles fossem uma só pessoa e são entretanto dois. Eles são completamente iguais, irmãos ou irmãs completamente equivalentes; e se eles não são tratados desta maneira, as coisas não se passarão bem para eles. (Fortes, 1949, p. 272)

Neste caso, o nascimento de gêmeos não

introduziria a noção dupla do si mesmo e do outro, como no caso de gêmeos mistos que prefiguram o casal masculino/feminino, mas conduziria ao conceito de troca na medida em que as coisas trocadas devem ser diferentes, senão a troca não se realizará, e no entanto de mesmo valor, para que não seja desigual.

É assim como entre os Luba, uma população da África Central, quando do nascimento de gêmeos — que são bem-vindos, mas que, no entanto, são chamados de "crianças do infortúnio" — a mãe injuria seu marido de maneira obscena. Este, após ter pago na mesma moeda, sai para lançar insultos contra a vila. Todos estes insultos são de ordem sexual. Em seguida a mãe injuriará constantemente seus filhos, que farão o mesmo assim que puderem. Estas trocas de injúrias são socialmente prescritas. Sem contar que elas são atos propiciadores para afastar o que há de funesto nestas "crianças do infortúnio" permitindo ainda colocar em obra, de maneira retórica, a noção de troca.

Para os Dogon, a gemealidade está no centro do comércio. "O comércio começou com eles (...). Os gêmeos têm a palavra justa, igual. Eles são do mesmo valor. Eles são a mesma coisa. O homem que vende, o homem que compra, todos os dois são a mesma coisa. Eles são gêmeos (...) O comércio vende e compra coisas diferentes, é trocar os gêmeos", declara Ogotemmêli, o conhecedor informante de M. Griaule (Griaule, 1948, p. 238). Mas curiosamente, estes seres que presidem às trocas equilibradas escapam a esta igualdade quando eles mesmos fazem as transações comerciais. Com efeito, todo vendedor deve dar um suplemento gratuito a um gêmeo comprador. Pouco valorizado

atualmente este excedente era anteriormente considerável, uma vez que o vendedor tinha de dar o dobro da mercadoria comprada. Portanto, enquanto os gêmeos fornecem o modelo de troca igual, o comércio com eles comporta uma desigualdade manifesta e obrigatória. Apesar deste constrangimento não se evita transações comerciais com eles, pois se adquire de certa maneira, um pouco de sua chance e "se receberá em troca mais do que se deu", diz Ogotemmêli (ibid., p. 246).

Parece que as sociedades africanas se tenham colocado a dupla questão que C. Lévi-Strauss conceitualiza a partir dos mitos ameríndios da História de Lynx (1991, p. 299-300): "... como produzir a dualidade (aquela dos sexos e aquela subsequente que implica a aliança matrimonial) à partir da unidade" e inversamente como "a dualidade pode fundir-se pouco a pouco na imagem aproximada da unidade pela qual se representam?" Dupla questão que coloca o fenômeno da gemealidade, mas que as sociedades africanas enunciam sem se decidir, parece-nos, dar a ele uma resposta definitiva, ao supondo-se que seja possível fazê-lo.

"FALSOS" GÊMEOS

Por esta expressão: "falsos" gêmeos não entenderemos os gêmeos heterozigotos, mas as crianças que, por razões diversas, são assimiladas a gêmeos em certas sociedades africanas. O nascimento de gêmeos é frequentemente considerado o paradigma dos nascimentos anormais. E mesmo como entre os Wéménou du Bénin,

... as crianças nascidas pelo assento, os pés em primeiro lugar, aquelas nascidas com o cordão umbilical ao redor do pescoço, deitadas sobre

as costas a face em direção ao Céu, penteados ou recobertos com a membrana amniótica *são considerados gêmeos*. (Brand, 1981, p. 501; grifos do autor)

Todos são crianças "irregulares". Diz-se que assim como a membrana da criança nascida penteada mascara a identidade do recém-nascido, pois ela esconde a segunda criança: quando se abre a membrana, ela parte de novo para a mata carregando-a. O nascimento pelo assento — a criança "nascida ao inverso" —, é igualmente o sinal de um gêmeo, ela anuncia a vinda de uma segunda criança. As crianças nascidas desta maneira "esperam seu segundo". Pensa-se neste caso na imagem dos gêmeos colocados paralelamente e em sentido inverso, opostos um pela cabeça do lado onde o outro tem os pés no útero.

Outras circunstâncias fazem entrar uma criança que não nasceu gêmeo nesta categoria. Desta maneira, entre os Dogon, se um gêmeo morre antes que se pudesse celebrar o ritual de um ano depois do nascimento, os pais o substituem com o seguinte durante a cerimônia retardada para este fim. E se os dois gêmeos morrem antes de um ano a criança seguinte será dita que veio para o seu lugar. Ele é como o resíduo dos gêmeos. Chamam-no "cinza de homem" (Paulme, 1940, p. 456-7). Entre esta mesma população a criança concebida sem que sua mãe tenha tido de novo suas regras depois da gravidez precedente é chamado "gêmeo ausente". Sua palavra é "forquilha", por ele ser como "dois gêmeos colados juntos". Ele é, portanto, considerado o "gêmeo" da criança que o precedeu, mas é num sentido mais completo do que os verdadeiros gêmeos, uma vez que estes foram precedidos de re-

gras que lhes conferem um caráter ligeiramente impuro" (Calame-Griaule, 1965, p. 209-11). Tudo se passa como se, nesta criança, os gêmeos reencontrassem sua unidade perdida.

Encontra-se um paralelo na nomenclatura Dogon de "cinza de homem" dado à criança nascida depois de gêmeos numa população da Nigéria, os Irigwe, que dizem desta mesma criança que ela é o "excremento da gemealidade". Considera-se que os gêmeos são feiticeiros, mas que quando eles sobrevivem aos rituais impostos desde seu nascimento — em particular a ingestão de uma água salobra passada nas cinzas "a substância mágica é liberada dos seus aspectos nocivos e profanos" (Sangru, 1971, p. 68). Em geral este tratamento mata as duas crianças. Mas conta-se que às vezes o gêmeo mau morre definitivamente e o bom retorna à vida, ou ainda que se dê a beberagem somente ao primeiro nascido, é o mau que morre e que deixa o outro viver. A criança nascida depois dos gêmeos, o "excremento da gemealidade", é considerada quanto a si mesmo, um verdadeiro gêmeo, usando um nome reservado a este tipo de criança; mas é um bom gêmeo, aquele que resistiu ao medicamento, mesmo que não tenham feito ingeri-la. Parece, além disso, que a maioria das crianças chamadas gêmeas sobreviventes sejam, nesta população, crianças nascidas depois dos gêmeos verdadeiros (Sangru, 1971).

Em Angola, numa população chamada os Ndongos, os gêmeos são acolhidos com uma cerimônia celebrada por uma "mãe de gêmeos" à qual se junta toda a comunidade gemelar (Coelho, 1987). Ninguém pode ver as crianças, nem mesmo o pai, antes que os ritos sejam cumpridos. A cerimônia tem por

fim anunciar a vinda das crianças que são na realidade gênios da mata, e de manifestar a alegria experimentada com seu nascimento. Sem esta acolhida calorosa, as crianças se revoltariam contra sua família e sua vila: eles cessariam de comer e terminariam por morrer; "eles retornariam às suas origens". Acredita-se que somente um dos gêmeos manifesta reservas quanto aos seus pais. Ele sai por último e com os pés primeiro, provocando freqüentemente a morte da mãe. Chamam-na "criança inconstante" e comumente ela não sobrevive (Coelho, 1987, p. 328).

Nesta população existe dois tipos de falsos gêmeos. O primeiro compreende as três crianças que nascem sucessivamente depois dos gêmeos: eles são os "quase gêmeos" e têm nomes tradicionalmente fixados. Chamam-nos coletivamente os "escravos dos gêmeos". "Eles farão parte de um tipo de corte espiritual, encarregado de assegurar e animar os rituais próprios aos gêmeos (Jingongo), assim eles fazem parte da comunidade gemelar da vila" (ibid., p. 340). O outro tipo de "falso gêmeo" é designado como "gêmeo solitário": reconhecem-no porque a placenta é presa numa bolha de sangue, espécie de placenta do gêmeo e o único testemunho da presença de uma outra criança. Este é um "gêmeo que viaja sozinho para voltar ao seu mundo de origem". Ele se parece ao gêmeo "inconstante", que partiu pouco depois do seu nascimento. Mas o companheiro do "gêmeo solitário" tem como particularidade ser tomado de remorsos: ele penetra então em seu pai e renascerá, não mais em sua mãe, mas numa segunda ou terceira esposa do pai, às vezes no mesmo ano, às vezes no ano seguinte. Sua seme-

lhança com seu irmão é tal que se pedirá ao adivinho para determinar se é realmente o gêmeo do "solitário". No caso em que ele não reencarnaria desta maneira, viria perseguir seu gêmeo vivo que seria afligido de sonhos onde se veria constantemente. É preciso pois, para o liberar, celebrar um ritual que comporte um sacrifício aos gênios da terra e da fertilidade (ibid., p. 330-2).

Encontramos outros tipos de "falsos gêmeos" numa população do oeste do Cameroun, os Bangwa, que fazem parte dos reinos Bamiléké. R. Brain, estudando entre eles as formas de amizade, percebe que ela se liga mais freqüentemente entre as pessoas de mesma idade. Geralmente as relações amistosas são fundadas sobre a igualdade (Brain, 1969). E os melhores amigos, os verdadeiros iguais, são os gêmeos "nascidos das mesmas entranhas, ao mesmo tempo e dividindo a mesma posição social". O termo recíproco entre gêmeos é "meu amigo" (cf. Frontisi, 1992). Eles são considerados crianças maravilhosas semelhantes a "seres espirituais" e chamados "crianças dos deuses". Os pais de gêmeos recebem títulos peculiares que lhes dão o direito de celebrar os rituais ou de praticar a adivinhação.

As crianças ao nascer vivem numa grande caverna negra vagueando aos pares ou em grupos, à procura de pais que lhes convenham. A previsão destas crianças para nascer é constante, reestocada sempre, se podemos assim dizer, pelos espíritos dos mortos que vêm juntar-se a eles. Acontece às vezes que duas destas crianças sejam seduzidas pelo útero de uma mesma mulher. Eles nascerão então como gêmeos. Neste caso, um de seus pais ou avós morrerá imediatamente para que o mundo do além seja

reequilibrado depois deste nascimento duplo. Mas o caso é pouco freqüente, pois as crianças ao nascer gêmeos no mundo dos espíritos raramente têm os mesmos gostos quanto a sua futura mãe.

Os gêmeos se separam freqüentemente no último minuto. Há aqueles que penetram numa matriz e ali ficam por algum tempo até que um dos dois decide ir embora. Uma criança convencida por seus pais de que a vida com eles lhe será uma boa coisa, pode ser atormentado por seu gêmeo, que abrigado nas sombras ou no meio do fogo das entranhas da mulher em trabalho de parto, tenta o seduzir para fazê-lo voltar. (Brain, 1969, p. 216)

Um homem narrou que ele havia decidido assim sua vida pré-natal: entrar no ventre de seu pai que, através de seu esperma o transferiria para a matriz de sua mãe. Mas seu "amigo" recusou segui-lo e, furioso, atormentou a criança e a mãe durante a gestação que durou dois anos. No final da gravidez, ele se escondeu no olho da mãe, formando um terrível terçol. Enfim ele penetrou na matriz de uma mulher da mesma vila, que deu à luz uma filha saudável alguns meses mais tarde. O adivinho revelou que as duas crianças seriam gêmeas separadas pelo nascimento. Eles foram formalmente declarados gêmeos e travaram desde então uma amizade que duraria ainda sessenta anos depois. Esta gêmealidade tendenciosa provoca às vezes doenças nas crianças. Os pais estabelecem então freqüentemente ligações com outras crianças nascidas mais ou menos no mesmo tempo. O mesmo dia é preferível, a mesma estação, o mesmo ano convém também. Existem outras circunstâncias reveladoras de gêmealidade como no caso seguinte comunicado ao etnólogo. O pai de

uma criança de cinco a seis anos considerava que ele tinha muito poucos amigos. Eles encontraram um dia, numa vila vizinha, uma criança da mesma idade muito parecida com a primeira – nos dizeres do pai. Este declarou que eles seriam gêmeos no outro mundo. Declararam isso a eles, os fizeram passear solenemente pelo mercado, consagrados e vestidos de belas roupas idênticas. Quarenta anos mais tarde, eles eram ainda, os melhores amigos do mundo (ibid., p. 216-8). "Falsos gêmeos" são igualmente entre os Bambara os canhotos e os albinos. Seu nascimento é devido à ruptura de uma proibição por sua mãe, durante a gravidez, provocando assim a fusão dos gêmeos que ela carrega numa criança só. O canhoto é o resultado da união intra-uterina de dois meninos: o albino de gêmeos mistos. Pode-se comparar esta crença do ritual celebrado entre os Kobokoli do centro do Togo e divulgado por S. Lallemand. Às vezes acontece que um marido consulte um adivinho para saber qual tipo de criança sua esposa está grávida e que ele lhe revele que ela tenha gêmeos perigosos. "Um é bom e o outro feio". Eles travarão uma batalha acirrada no seio materno, e se vierem ao mundo todos os dois não é certo de que os benefícios dos quais um seria portador contrabalançariam os malefícios que o outro poderia ocasionar (Lallemand, 1979, p. 218). É preciso, portanto separá-los antes do nascimento. O pai procederá a um sacrifício destinado a distanciar o gêmeo mau.

A mulher dará a luz uma criança única, quase divina temível como testemunho da sua luta vitoriosa contra seu irmão desaparecido o qual se o denominam Eso (Deus) ou se é uma menina Esogbaare. (Ibid.)

Acontece às vezes que Eso manifeste seu destino excepcional nascendo "pelos pés" ou com dentes. A criança que nasce depois de gêmeos reais ou supostos é igualmente remarcável, talvez mais do que estes. "É um verdadeiro gênio: ele pegou toda a força (dom) que restava no seio maternal. As decisões desta criança, seus caprichos mesmo, são respeitados cegamente por seus pais (ibid.). Os Kolokoli não excluem portanto que os gêmeos possam ser todos os dois benéficos ou todos os dois maléficos. Parece que os gêmeos mistos sejam, de preferência, bem-vindos. Após o nascimento é pedido ao padre para procurar a identidade dos protetores ancestrais das crianças. Três casos são possíveis: eles podem ser a reencarnação, seja de um só ancestral, seja de dois, ou ainda de nenhum. Entretanto as tentativas para identificar os gêmeos aos mortos não são jamais muito convincentes e inclusive mesmo para os (padres) informantes. Os seres não divididos, isto é, os gêmeos sem ancestrais, são tidos como os mais perigosos: por outro lado "a pessoa que contém nela dois seres distintos é, ousa-se dizer, bem constituída sobre o plano religioso". (Lallemand, 1979, p. 227).

Seria fácil, mas cansativo, multiplicar os exemplos. Todos os "falsos" gêmeos, gêmeos "defeituosos", "quase gêmeos", "gêmeos solitários", "crianças divididas", mostram que a noção de gêmeo é muito extensiva, uma vez que ela pode até mesmo incluir crianças únicas. De acordo com uma crença muito difundida, as crianças que nascem após os gêmeos participam de sua natureza enquanto resto, "cinzas", "excrementos". Esta maneira de considerá-los não é, entretanto, pejorativa. Ao contrário, parece que o gêmeo

solitário tem características mais tranqüilizadoras que os verdadeiros gêmeos, como se ele conservasse apenas os aspectos benéficos, e que ele fosse ileso das características inquietantes. Paradoxalmente o gêmeo bom é o gêmeo solitário. Daí as práticas antigas e radicais de suprimir um dos dois no nascimento, seja o mais velho, seja o mais novo: sendo entendido que é às vezes aquele que nasce primeiro é o considerado mais novo. A divisão entre mais velho e mais novo, entre bom e mau varia de acordo com os povos. Aquele que foi considerado maléfico seria suprimido, ou ao menos negligenciado, deixa-se morrer. Mas a mesma intenção dirige ainda o ritual contado por S. Lallemand, onde um dos supostos gêmeos é suprimido antes do nascimento.

Todos estes fatos, crenças, práticas e rituais confirmam inteiramente a tese de O. Rank

O gêmeo parece ser pois o homem que vindo ao mundo, trouxe seu Duplo imortal, quer dizer a alma, e por isso tornou-se independente de todas as outras ideologias referentes a imortalidade, nisto incluso a filiação sexual com seus pais. É isto que tem feito o protótipo do herói. (Rank, 1973, p. 102)

Da mesma forma, entre os Kolokoli as crianças que não foram divididas em duas no ventre de sua mãe não têm, com efeito, ancestrais, nem duplas, porque sem dúvida uma delas, o respeitável, é o ancestral que o outro trouxe à terra sob a forma visível. Se se segue este ponto de vista os gêmeos são sempre "falsos" gêmeos, heterogêneos um com o outro ao mesmo tempo que, fundamentalmente, diferentes em relação aos humanos "comuns".

Pela mesma razão eles fogem às regras da filiação e mesmo do parentesco já que seus

pais mudam de *status* e seus irmãos e irmãs que os seguem alcançam o mesmo *status* ou um equivalente.

Vê-se igualmente que estas crenças e rituais representam noções que repercutem na gemealidade: unidade e dualidade, identidade e diferenciação, homogeneidade e heterogeneidade.

GÊMEOS E PLACENTA

Encontramos num grande número de culturas africanas, um outro tipo de "falso gêmeo", associado aos nascimentos únicos. Entre os Dogon, "enquanto uma mulher não expulsar a placenta, não se diz que ela pariu, não se previne o pai. Diz-se: "Tivemos a criança, não tivemos seu irmãozinho" pois a placenta é como o gêmeo do bebê". (Diertelen, 1981, p. 222). A mesma palavra designa a placenta e o irmão mais novo de uma criança. Encontram-se testemunhos parecidos num grande número de culturas africanas, onde se considera que a placenta é o "gêmeo" do recém-nascido, seu irmão, às vezes mais velho, às vezes mais novo como entre os Dogon, ou ainda a "segunda criança", o "companheiro". No sul de Uganda vê-se a placenta como um tipo de ser humano, e no nascimento de gêmeos, fala-se de quatro crianças e não de duas já que cada placenta é considerada uma criança.

Esta idéia leva a uma outra, a qual os Dogon se mostraram sensíveis em razão de seu grande mito cosmológico. Ela se refere à qualidade da placenta que é formada, dizem eles, de bom-sangue. Mas uma vez saída ela se transforma em "mau-sangue" e apodrece. Ter-se-á a impressão de que o horror da morte tenha sido inspirado aos homens em primeiro plano pelo apodrecimento da pla-

centa após o nascimento. Entre os Dogon esforça-se em manter longe esta idéia de podridão colocando a placenta num pote, o que equivale a recolocá-la num jarro e na umidade maternal, depois enterrando o pote na fossa. Assim a placenta retorna à água e à terra e contribuirá para fertilizar o solo (Calame-Griaule, 1965, p. 137).

A gemealidade está no coração do grande mito da origem dos Dogon, dos Malinké e dos Bambara estudados por M. Griaule (1948), G. Diertelen e M. Griaule (1965) e G. Galame-Griaule (1965). Deus quis criar os seres por pares de gêmeos, mas as transgressões do mutilador que arrancou antes do término um pedaço de sua placenta — a qual, completada por uma outra metade de placenta contendo os animais, os vegetais e os minerais, tornou-se a terra — e, de sua irmã gêmea, tiveram por conseqüência a perda da gemealidade para a humanidade. Os ancestrais dos humanos, quatro pares de gêmeos mistos, se casaram trocando, dois a dois seus pares. Este tipo de união ideal foi substituída, na falta de melhor, por um casamento preferencial onde é a prima cruzada, a filha do tio materno, que é escolhida como "suplente da gêmea ausente". Um casamento comparável é igualmente valorizado: aquele onde dois homens esposam respectivamente a irmã do outro, mesmo se as duas mulheres não são gêmeas. "Estas duas uniões supostamente reproduzem os casamentos míticos dos ancestrais da arca. Diz-se que eles geram nascimento de dois gêmeos" (Diertelen, 1982, p. 616). Este tipo de união é raramente realizado, porque sua ruptura provocaria graves desordens na comunidade. Entretanto, os homens conservam, em sua organização ontológica, um

traço da gêmealidade mítica, uma vez que são providos de almas gêmeas de sexo oposto: uma delas, do mesmo sexo que a pessoa, a anima durante toda a sua vida, enquanto a outra permanece no poder do Criador. A idéia de gêmealidade, nesta realização ideal, isto é, como par de gêmeos mistos, permite aos Dogons assumir ao mesmo tempo a idéia de par sexual e a (aquela) de bissexualidade.

A crença africana segundo a qual a placenta é o gêmeo do recém-nascido possui um paralelo em certos mitos dos índios da América do Norte. Mas nestas narrativas a placenta, em vez de ser destinada à podridão e à morte torna-se uma criança, futuro herói civilizado. Este mito é conhecido sob o título geral de *Lodge Boy and Thrown Away* (a criança da cabana e aquele que foi abandonado). Resumiremos uma versão vinda dos índios Skidi Pawnee (Dorsey, 1904).

Um homem tendo ido à caça por vários dias constatou na sua volta que a cidade foi inteiramente destruída pelo fogo. Ele encontra o corpo de sua mulher que estava grávida e percebe que seu ventre move-se. Ele retira uma criança e a placenta por cesariana. Ele lava a criança, veste-a e joga a placenta no rio. Ele consegue, alimentar a criança com o leite de búfala. Alguns anos mais tarde, estando só a criança no acampamento enquanto seu pai caça, escuta a voz de uma criança perguntando-lhe se seu pai está ausente e se ela pode brincar com ele. Eles brincam juntos por muito tempo até o momento em que a criança estrangeira fureja e o deixa tendo sentido que o pai está de volta. Este tendo percebido a aventura, diz a seu filho para convidar a criança estranha a permanecer com eles. Quando ela re-

torna, recusa o convite declarando: "Não posso permanecer porque seu pai o ama e não me ama. Ele o lavou, tomou conta de você, amamentou-o com o leite de animal, enquanto me lançava no rio". Na volta, o pai declara que ele deve viver com eles na cabana. A criança é capturada na terceira tentativa impedindo-o astuciosamente de submergir-se no rio. Ele aceita permanecer desde que seu pai lhe quebrou o longo dente que possui. As crianças crescerão juntas e realizarão grandes proezas. A criança-placenta se mostrará sempre a mais forte, astuciosa e criativa. Juntos, livrarão o mundo de monstros malignos. Diz-se com efeito em algumas versões deste mito que ele se passa não na origem mesmo dos tempos, mas num momento em que o mundo era todavia jovem. É necessário aprimorá-lo eliminando as imperfeições que são igualmente obstáculos ao desenvolvimento da humanidade. Os gêmeos são, aliás, em suas narrações, típicos heróis destes tempos míticos: eternamente jovens, eles não têm o mesmo desenvolvimento que os homens comuns da infância à velhice passando pelo processo da reprodução. Em certas versões, eles terminam sua carreira subindo ao céu.

Ao contrário do que diz Freud os pares de heróis que encontramos freqüentemente nas mitologias do mundo inteiro, é pois, a criança saída da placenta, a mais forte. A propósito de Gilgamesh e Enkidu, os heróis do mito babilônico, ele declara numa carta dirigida a Jung em 1911:

... a constituição de tal par, formado de um elemento mais distinto e um mais comum (freqüentemente irmãos) é um tema constante da história de lendas e da literatura (...). O irmão gêmeo mais fraco, que morre mais cedo é a pla-

centa, simplesmente pelo fato de que ele é frequentemente posto no mundo pela mesma mãe ao mesmo tempo que a criança (...). Em Frazer (Golden Bough, vol. 1) podemos ler entre quantos povos primitivos a placenta é chamada ainda hoje o irmão (irmã) ou o gêmeo, é tratada, alimentada e conservada, o que naturalmente não dura muito tempo. Se existe uma memória filogenética do indivíduo, o que infelizmente não se pode mais negar, então o que é inquietante no "duplo", é também desta procedência. (Freud, 1975, p. 205-6)

Que este mito indígena americano contradiga a afirmação de Freud não diminui certamente sua proposta geral. O fato de que a criança-placenta seja aqui a mais forte e a mais inteligente leva a rejeitar a idéia de que a placenta constitui um sinal de morte presente no nascimento. De fato, a afirmação deve ser constatada, como veremos. O mito da criança da cabana e aquele que foi abandonado apresenta duas versões na qual não é a placenta que se transforma em criança já que a mulher está grávida de gêmeos. Uma narrativa de índios Iowa conta que um casal vai à caça. A mulher permanece no acampamento uma vez que está grávida. Mas ela recebe a visita de um homem estranho que tenta atrair sua atenção. Na sua volta o marido lhe faz saber que ele é um ser que tem poderes maléficos contra as mulheres. Ela não deve olhá-lo, assim ele desaparecera depois da sua quarta visita. Ela não lhe dá nenhuma atenção ainda que ele fizesse mágicas com fogo, mas, na quarta vez, assim que ele se distancia da cabana ela não pode impedir-se de lançar-lhe um olhar. O estranho tem duas caras, uma para frente, outra para trás com a qual ele a vê olhando-o. Ele ri, volta sobre seus passos e a mata. Bem entendido este personagem

maligno é como a prefiguração de gêmeos que não teriam suportado desdobração. Com efeito, à sua volta, o marido observa que a barriga da mulher se movimenta e retira duas crianças. Ele decide jogar um sob um velho tronco e de educar (aceitar) o outro. Este homem foi visitado tempos depois por um rapaz que canta: Você tem um pai e não comes senão carne seca. Eu tenho uma avó e eu não como senão feijões selvagens. Ele foi criado, sem dúvida, por um camundongo. O pai, ao saber, declara que se trata do "irmão faltoso", do irmão "perdido". Ele é selvagem como um animal cujo olfato é excelente. Ele será domesticado assim que a gente tiver cortado uma mecha de seus cabelos. Quando seu irmão demonstrar hesitação para o seguir em suas perigosas expedições, a criança domesticada ameaçará tomar sua mecha de cabelo, quer dizer, retornar à sua vida selvagem e solitária (Skinner, 1925). É preciso notar que na maior parte das versões, mesmo aquelas da criança-placenta ou do gêmeo "jogado fora" (abandonado) é este que se diz ser o irmão mais novo, ele é também o menor, aparentemente o mais fraco, em realidade o mais aventureiro, o mais astucioso e aquele que possui poderes sobrenaturais. Ele é justamente, seguindo a hipótese de Rank, o duplo espiritual da criança humana. Encontramos em outras populações narrativas míticas que falam da transformação de uma placenta numa criança. Assim entre os Tinguian, uma população das Filipinas, conta-se que um espírito das florestas encontra uma placenta da qual faz uma criança. Esta se torna um belo herói que realiza grandes feitos, mas do qual o excesso leva a morte (Cole, 1915). É também sem dúvida o caso da

narrativa gallois da qual fala B. Sergent (1992). A jovem mulher deixa cair inicialmente um belo menino loiro, em seguida, "alguma coisa pequena", que seu irmão recolhe, enrola em seu casaco e põe num cofre colocado na cabeceira da sua cama. Algum tempo depois, ele escuta gritos fracos e descobre um menino pequeno, mexendo os braços no meio das pregas do casaco. Ele educa o menino que cresce maravilhosamente depressa. Sua mãe recusa reconhecê-lo e ele precisará recorrer a uma artimanha para que ela lhe dê um nome. O destino deste menino será completamente separado de seu gêmeo como o mostra B. Sergent. Esta é a única narrativa de origem européia, de acordo com nosso conhecimento, que utiliza o tema mítico da criança/placenta. Nas narrativas irlandesas é questionado o "coágulo de sangue" do qual São Patrício faz milagrosamente uma criança (que guarda desta origem, uma marca sobre o corpo: um desejo). O tema, no entanto, está presente frequentemente nos mitos americanos: ele foi comparado pelos especialistas de "A criança da cabana e aquela que foi abandonada". Mas neste caso a criança é única. (Cf. "gêmeo solitário" nascido de uma bolha de sangue agarrado à placenta entre os Ndongo de Angola)". Reencontramos entretanto gêmeos nascidos de um coágulo de sangue em um mito proveniente da ilha de Nova Bretanha. Uma velha senhora tinha cortado os braços. Duas crianças nascem algum tempo depois, um do sangue do braço direito, e outro do braço esquerdo (Dixón, 1964, p. 109). Esta é uma gêmealidade inédita que remete ao caráter duplo e simétrico dos membros do corpo. O tema da criança nascida da placenta conduz pois, por extensão, a dois temas

míticos, o da criança nascida de um coágulo de sangue (placenta, mas talvez também sangue menstrual) e aquele da criança rejeitada, na medida em que o segundo a nascer é jogado fora, abandonado, destinado a morrer.

O tema da criança/placenta leva a pensar que todo nascimento é gemelar e que nós somos acompanhados ao nascer de um companheiro prometido à morte, ou se preferirmos a um outro tipo de vida, a do além-mítico ou do imaginário.

REFERÊNCIAS

- ADLER, A. Les jumeaux sont rois. *L'Homme*, v. XIII, n. 1-2, p. 168-192, 1973.
- BELMONT, N. L'Enfant exposé. *Anthropologie et Sociétés*, v. 4, n. 2, p. 1-17, 1980.
- BRAIN, R. Friends an twins in Bangwa. In: DOUGLAS, M. & KABERRY, P.M. (éds). *Men in África*. London/ New York: Tavistock Publications, 1969.
- BRAND, R. Rites de naissance et réactualisation matérielle des signes de naissance à la mort Chez le wéménou (Bénin/Dahomey), Naitre, vivre et mourir, actualité de Van Gennepe. *Musée e'Ethnographie de Neuchâtel*, p. 37-62, 1981.
- BURTON, W. F. P. Luba Religion and Magic in Custom and Belief, Tervuren. *Musée royal d'Afrique centrale* (Annales n. 35), 1961.
- CALAME-GRIAULE, G. *Ethnologie et langage*. Paris: Gallimard, 1965.
- CARTRY, M. *Compte rendu d'enseignement*. Paris: Annuaire de l'É.P.H.É., V^e Section, t. 84, 1975-1976.
- COELHO, V. C. R. *La place des jumeaux dans le système religieux des Ndongo (Ambundu)*. Angola/Paris: Diplôme de l'É.P.H.É., 1987.
- COLE, F. C. Traditions of the Tinguian. Publ. of

- the Field Columbian Museum (anthropological Series, XIV), 1915.
- DIETERLEN, G. Jumeaux: l'un des thèmes dominants des mythologies d'Afrique occidentale. In: Bonnefoy, Y. (ed.). *Dictionnaire des Mythologies*. Paris: Flammarion, 1981. t. I., p. 614-17.
- DIERTELEN, G. et GRIAULE, M. *Le Renard pâle*. Paris, Travaux et Mémoires de l'Institut d'Ethnologie, 1965.
- DIXON, R. B. *Oceanic*. New York: Cooper Square Publ. (Mythology of all races, v. IX), 1964.
- DORSEY, G. Traditions of the Skidi Pawnee, Memoirs of the American Folklore Society, 1904. p. 88-94.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Nuer Religion*. Oxford: Clarendon Press, 1956.
- FORTES, M. *The Web of Kinship among the Tallensi*. London: Oxford University Press, 1949.
- FREUD, S. et JUNG, C. *Correspondance*. Paris: Gallimard, 1975.
- FRONTISI, F. Ducroux. Les grus, le double et les jumeaux. *Topique*, n. 50, 1992.
- GRIAULE, M. *Dieu d'eau. Entretiens avec Ogotemméli*. Paris: Le Chêne, 1948.
- LALLEMAND, S. L'Enfant dédoublé. *Nouvelle Revue de psychanalyse*, n. 19, p. 211-28, 1979.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Histoire de Lynx*. Paris: Plon, 1991.
- PAULME, D. *Organisation sociale chez les Dogon*. Paris: Domat-Montchrestien, 1940.
- RANK, O. *Don Juan et le double*. Paris: Payot, 1973.
- RODRIGUES DE AREIA, M.L. Naitre em Angola. Les Tshokwe, Naitre, vivre et mourir. *Actualité de Van Gennep*, Musée d'Ethnographie de Neuchâtel, p. 63-76, 1981.
- SANGREE, W.H. La gémeilité et le principe d'ambigüité. Commandement, sorcellerie et maladie chez les Irigwe (Nigéria). *L'Homme*, v. XI, n. 3, p. 65-70, 1971.
- SERGEANT, B. De ou sobre alguns gémeos indo-europeus. *Topique*, n. 50, p. 205, 1992.
- SKINNER, A. Traditions of the Iowa Indians, *Journal of American Folklore*, v. 38, p. 427-41, 1925.
- SMITH, P. Notes sur l'organisation sociale des Diakhanké. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, t. 8, XI^e série, p. 263-302, 1965.
- TURNER, V.W. *Le Phénomène rituel: structure et contre-structure*. Paris: PUF, 1990. (Ethnologies).
- ZAZZO, R. *Les paradoxes des jumeaux*. Paris: Stock-Pernoud, 1984.
- Artigo recebido em setembro de 2005
Aprovado para publicação em dezembro de 2005

Editora Escuta e Livraria Pulsional

convidam para o coquetel de lançamento do livro

História da Psicanálise - São Paulo 1920-1969

Carmen Lucia M. Valladares de Oliveira

Data: 8 de abril de 2006 – sábado, das 11 às 13:30h

Local: Livraria Pulsional

Rua Dr. Homem de Mello, 446 – São Paulo, SP